

## José Régio, continuador de Mário de Sá-Carneiro?: O duplo em “Mário ou Eu próprio-o Outro”

Prof. Dr. Fernando de Moraes Gebra<sup>i</sup> (UNILA)

### Resumo

*A presente comunicação objetiva verificar os mecanismos de construção da identidade, relacionados ao desdobramento de personalidade, presente na peça “Mário ou Eu próprio-o Outro”, de José Régio (1901-1969), em comparação e contraste com o conto “Eu-próprio o Outro”, de Mário de Sá-Carneiro. A literatura dentro da literatura: O conto e a peça são dois momentos do mesmo drama da existência problemática do sujeito. A teoria do duplo, proposta por Sigmund Freud, Otto Rank e Clément Rosset, permite observar como os desdobramentos de personalidade, de espaço e de tempo operam na construção identitária do sujeito na sua relação com o sistema social em que está inserido. É essa perspectiva psicanalítica e filosófica que será apresentada, tendo em vista as relações intertextuais estabelecidas com a obra de Sá-Carneiro.*

**Palavras-chave:** José Régio; Sá-Carneiro; Identidade; Duplo; Estranho; Fantástico.

José Régio, pseudônimo de José Maria dos Reis Pereira, tal como os demais membros da Revista *Presença*, apresenta em sua obra relações interdiscursivas com os poetas órficos. Tanto era sua admiração que escreveu uma peça de teatro em homenagem a Mário de Sá-Carneiro, intitulada “Mário ou Eu próprio-o Outro”, no livro *Três peças em um acto*, em 1957. Dentro da poética sá-carneiriana, o indivíduo busca, a todo instante, escapar do artificialismo da vida social, o que causa admiração em José Régio.

Nessa peça, numa espécie de continuidade do conto “Eu-próprio o Outro” da coletânea *Céu em fogo* de Sá-Carneiro, Régio aborda um dos temas mais caros à obra do poeta órfico, isto é, a presença do duplo, como comenta Maria Teresa Arsénio Nunes: “O verdadeiro interlocutor de Régio é o seu *duplo* mas este sócio é prodigiosamente real [...]. O seu obsessivo, barroco e grave diálogo com Deus e o Diabo é, no fundo, um monólogo transparente entre Régio e Régio” (1982, p.38).

Segundo Ana Maria Lisboa de Mello (2000), o duplo aparece com mais frequência nas narrativas fantásticas, que buscam explicações para fenômenos da natureza, contrárias ao pensamento lógico e racional, o que também é corroborado por Sigmund Freud, em seu ensaio sobre o estranho. Para ser uma narrativa fantástica, seguindo o viés de Todorov, o texto precisa atender algumas condições, por exemplo: “Primeiro, importa que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de pessoas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados” (1977, p.33).

Fernando Cabral Martins enfatiza o tema do duplo em grande parte do seu livro *O modernismo em Mário de Sá-Carneiro*, porém, se centra mais na novela *A confissão de Lúcio*. Sobre “Eu-próprio o Outro”, o autor o relaciona com o oxímoro “Eu não sou eu”, presente no poema 7, de *Indícios de Ouro*: “O oxímoro mantém-se, a partir de *Dispersão*, a figura por excelência do Eu. O conto-poema Eu-Próprio o Outro tem por título um oxímoro, que Régio há-de aproveitar, tornando-o emblemático, na sua peça sobre Sá-Carneiro” (1997, p.248).

Cabral Martins entende a peça da seguinte maneira: “as réplicas são constituídas pelas opiniões de Régio sobre Sá-Carneiro e por uma montagem de citações da sua poesia; em cena estão ‘Mário’ e ‘O Outro’, num duelo ritual” (1997, p.31). O estudioso da obra do poeta de *Orpheu*, ao propor o conceito dos oxímoros no conto de Sá-Carneiro, acaba por dialogar com a noção paradoxal do duplo, proposta por Clément Rosset: “ser ao mesmo tempo ela própria e outra” (1998, p.21).

Seguindo a abordagem de Rosset, o sentido é atribuído ao outro, deslocado da realidade do sujeito para outra realidade, considerada como “‘melhor’ do que o próprio sujeito” (1998, p.77). Logo, para o iludido, é o duplo que representa a perfeição, tal como se vê no conto de Sá-Carneiro e na peça de Régio que, apesar de haver algumas diferenças de valores axiológicos, sustentamos ser a continuidade da história de *Céu em fogo*.

As relações intertextuais presentes na peça de José Régio são discutidas por Isabelle Regina de Amorin, que observa o fenômeno do duplo no diálogo entre as personagens Mário e o Outro e nos elementos de teatralidade, ressaltando os recursos de intertextualidade com os discursos cristão e literário. No entanto, além de não contemplar o ensaio de Clément Rosset nem o de Otto Rank, a autora não apresenta as relações intertextuais presentes no conto “Eu-próprio o Outro”, de Sá-Carneiro (apesar de mencionar a origem do título da peça de Régio atrelada ao título do conto de Sá-Carneiro). Apesar disso, Amorin estabelece as relações intertextuais com os poemas “Aquel’outro”, “Sete”, de *Dispersão*, “O Lord” e “Fim”, de *Indícios de ouro*. A autora esclarece que no teatro de José Régio “não apenas os indivíduos são duplos, mas a própria composição teatral das peças também é sustentada por dualidades”, por meio do “mecanismo da intertextualidade, proporcionando ao texto uma multiplicidade de leituras e interpretações.” (AMORIN, 2006, p.10).

Na peça “Mário ou Eu próprio-o Outro”, José Régio apresenta duas personagens: Mário e seu duplo. Num diálogo tenso entre Mário e o outro, a peça se desenvolve numa atmosfera de incômodo, de não aceitação do próprio eu, de aprisionamento e de melancolia, condições que levam Mário a tentar cometer suicídio no final do drama. As tensões entre Mário e seu duplo começam a ser esboçadas nas didascálias iniciais da peça, com as descrições de Mário como “pesado e gordo” (RÉGIO, 1980, p.125), e do seu duplo, como “homem alto, elegantíssimo, de casaca” (RÉGIO, 1980, p.126). Enquanto Mário é marcado pelo desespero, seu duplo apresenta calma e tranquilidade, representa o lado racional do

sujeito duplicado: "O outro: Estás mais calmo? Quanto mais gritas, menos eu te oiço." (RÉGIO, 1980, p.138). A oposição entre o sujeito e seu duplo se manifesta pela antítese presente no discurso de Mário: o alto e o baixo, fealdade e beleza.

Segundo Clément Rosset, nas perturbações de desdobramento, é comum o indivíduo duvidar da própria existência, "que aparece aqui como duvidosa. (1998, p.79), acreditando que o sentido está em outro lugar. As percepções são desdobradas, portanto, gerando os oximoros do ser e do não ser, propostos por Fernando Cabral Martins. No decorrer da peça, percebemos que o outro é a projeção do que Mário gostaria de ser, mas não é: "Mário: ... Por ti, nem sou quem sou; nunca cheguei a ser quem fui: nunca serei quem seria. Tu é que és! tu é que és..." (RÉGIO, 1980, p.131). O trecho citado revela o apagamento do eu diante de seu duplo. Mário demonstra, diante do Outro, sua existência problemática.

Em "Eu próprio o Outro", diferente do embate na peça de Régio- por meio das discussões literárias, metafísicas e existenciais, representadas pelas réplicas de Mário e do Outro- , o narrador não reage, deixando o duplo tomar conta de sua existência, como vemos em 30 de abril: "Devo reagir. Sinto a minha personalidade abismar-se". Ocorre, assim, de maneira mais intensa o fenômeno de despersonalização do sujeito. O narrador comenta em seu conto-diário, precisamente em 22 de junho: "Dizem-me que eu tenho outra voz, outras atitudes, outra expressão fisionômica". Em 1º de julho, admite: "Já não tenho os mesmos gestos, os antigos pensamentos. Todo eu mudei." A narrativa desenvolve uma atmosfera de mistério, pois o duplo aparece subitamente em um café e se apresenta sem um princípio e um fim, relatado em 10 de janeiro: "Mas, coisa curiosa, até hoje *nunca o vi chegar*. Quando dou pela sua presença, já *ele* está em face de mim".

Para Tania Sturzbecher de Barros, no conto "Eu-próprio o Outro", a relação entre o narrador e o Outro é a de completa despersonalização de um eu real em outro eu idealizado: "O desdobramento vem acompanhado de uma fragmentação de personalidade e da constatação da existência de um outro dentro do eu, instaurando os dramas íntimos" (2003, p.81).

Na peça de José Régio, a presença do duplo incomoda demasiadamente o protagonista: "MÁRIO: ... Essa tua trituração no meu peito; no meu cérebro; no meu sangue; nas minhas vísceras. Como as hienas e os abutres... Não tens piedade nem vergonha, tu que és belo?! Não te enoja a carne podre?" (RÉGIO, 1980, p.129). Em outro trecho, Mário atribui ao outro o incômodo que sente em si mesmo, deixando claro em seu discurso seu desdobramento: "MÁRIO: Não te dói a minha disformidade? a minha baba não te suja? a minha gordura não te pesa? Sofrer-me-ias, tu, se não fosse eu o teu gémeo?" (RÉGIO, 1980, p.134)

Na peça em análise, a inadaptação ao mundo leva o sujeito ao desespero, ao encontro com uma realidade melhor na figura do duplo, que lhe causa atração e repulsa, como vemos no conto "Eu-próprio O Outro" no seguinte trecho: "Não é afecto, embora chegue a ter desejos de o beijar. É ódio. Um ódio infinito. Mas um ódio doirado. Por isso o procuro. E

vivo em face dele. Porque é verdade: agora, *só vivo em face dele*” (p.506).

Na peça de José Régio, o incômodo pela presença do duplo ocorre devido ao fato do outro possuir uma beleza e uma perfeição desejadas pelo sujeito: "O OUTRO: A beleza é serena. A perfeição, estática. Dói-te, não dói?" (RÉGIO, 1980, p.133). Pelo discurso do outro, podemos perceber que ele (o outro) possui atributos que Mário não tem, mas que gostaria de ter, valores que representam o ideal sá-carneiriano a ser atingido por meio da arte.

Tanto Otto Rank como Sigmund Freud explicam os sentimentos ambivalentes (medo e fascínio) que o sujeito apresenta diante do duplo, considerando as crenças primitivas da dualidade da alma. Segundo Rank, o duplo surge do medo ancestral da morte, possibilitando ao indivíduo a proteção que seria assegurada pela alma imortal (1939, p.98). No entanto, essa mesma concepção primitiva passa a entender o duplo como um anunciador da morte, uma imagem fantasmática perseguidora, gerando grande temor para aquele que se vê duplicado (1939, p.104).

Sigmund Freud reitera os dois estágios de desenvolvimento do duplo (“garantia de imortalidade” e “estranho anunciador da morte”), propostos por Otto Rank, e explica que o duplo, como defesa contra a extinção do ego, originou-se “do solo do amor-próprio ilimitado, do narcisismo primário que domina a mente da criança e do homem primitivo” (1996, p.252). Após a passagem do indivíduo pelo narcisismo primário, o duplo recebe novo significado: “Forma-se ali, lentamente, uma atividade especial, que consegue resistir ao resto do ego, que tem a função de observar e de criticar o eu (*self*) e de exercer uma censura dentro da mente, e da qual tomamos conhecimento como nossa ‘consciência’” (1996, p.253).

Na peça de José Régio, encontramos ainda elementos de narcisismo primário de Mário ao se autodenominar um Lorde, como se verifica em verso do poema “O Lord”, transcrito em um dos embates do eu com seu duplo: “Lord que eu fui de Escócias doutra vida” (1980, p.136). O verso seguinte desse poema é “Hoje arrasta por esta a sua decadência” e apresenta intertextualidade no seguinte fragmento da peça regiana:

MÁRIO: [...]Sim, reduzido hoje a viver de imagens. Pão dos loucos, vinhos dos condenados ... Mas as imagens que são o meu sangue, indícios que são os meus teres ... Os teres e haveres do Papa-Açorda, o pão-e-vinho do Esfinge Gorda... O Esfinge Gorda faz versos, han? O Bola de Sebo... o Convidado à Força - desperdiça oiro, é um Lord...” (RÉGIO, 1980, p.136-7).

As imagens auto-depreciativas descritas anteriormente mostram uma tendência comum à obra de Sá-Carneiro. Seria a revelação de uma tendência narcisista que o leva ao desprezo por si mesmo, o que vemos pela presença do duplo, que, como vimos, seria a projeção dos atributos desejados pelo sujeito e é caracterizado como Lord. Assim, ao mesmo tempo em que o narcisismo ocorre ao descrever seu duplo como Lord, o

auto-desprezo se traduz nas expressões "Papa-Açorda", "Esfinge Gorda" e "Bola de Sebo", semelhantes ao auto-desprezo encontrado no poema "Aqueloutro", posição sustentada por Cleonice Berardinelli:

Impiedoso, revoltado, caricatura-se dramaticamente, carregando nos traços que indicam a sua falsidade [...]e, para mais cruelmente ferir-se, a referência ao físico desairoso: "o balofo", o "Esfinge Gorda" . *Aqueloutro* é, assim, o que lhe restou, perdido o *Outro*, e são ambos, pois um condiciona o outro: cada um é somente a metade do ser total (1958, p.13).

O discurso de Cleonice Berardinelli aponta para a construção arquetípica do castigo dos deuses aos homens por estes terem tentado enfrentar aqueles que regem o universo. Para Ana Maria Lisboa de Mello, ao comentar sobre *O banquete*, de Platão, "Cada ser humano seria o fruto da cisão no meio da união primitiva, estado de perfeição que foi perdido quando os homens ameaçaram os deuses" (2000, p.111). Em vários momentos da peça de Régio, Mário, em estreita relação com o verso de Fernando Pessoa/Álvaro de Campos, do poema "Lisbon Revisited" (1923) ("Que mal fiz eu aos deuses?"), questiona-se: "Que fiz eu aos deuses? Que pecado é o meu? Será possível...?!" (RÉGIO, 1980, p.149).

Os deuses, como agentes do castigo atribuído ao indivíduo, fazem-se presentes no discurso de Mário em vários momentos da peça: "MÁRIO: Deus éramos tu e eu, por que fomos separados? Por que atiraram ao chão o Esfinge Gorda, como um trapo que se deita fora, e ao mesmo tempo me deixaram lá em Cima...?" (1980, p.138-9). Esses deuses são, como em *O banquete*, de Platão, responsáveis pela queda do sujeito. Ao ser separado de sua alma imortal (o Outro), o sujeito (Mário) pretende atingir o estado de plenitude, da união primitiva com sua alma imortal, que só a morte poderia lhe dar: "(...) Do vosso Oiro só me destes indícios, deuses avaros! Da vossa Unidade, só dispersão, deuses ciumentos! Que insondável pecado expiastes em mim" (RÉGIO, 1980, p.147).

Ao reconhecer, por meio da ilusão psicológica e do desdobramento de personalidade, que o sentido está em outro lugar, Mário almeja o "encontro necessário para solucionar a divisão interna e levar alcance da unidade" (MELLO, 2000, p.122). Como se percebe ao longo da peça, há um desejo de perfeição a ser atingido, porém limitado às imperfeições da matéria, temática central do poema "Quase" de Sá-Carneiro e presente no discurso da personagem O Outro da peça de José Régio:

Um pouco mais de sol, eu era brasa  
Um pouco mais de azul, eu era além  
Para atingir, faltou-me um golpe de asa  
Se ao menos eu permanecesse aquém...

MÁRIO: [...] os meus poemas sobem à tua altura. Esses têm asas, não

precisam de escada!

O OUTRO: Asas espontadas, Papa-Açorda: Vão a trepar mas escorregam;  
vão a lançar mas não voam. Sou eu que tos inspiro, mas és tu que os fazes.  
Ficam-se em ti. Falam de mim como cegos falando da luz (1980, p.136).

Há durante toda a peça o desejo da perfeição que só poderia ser obtido pelo duplo. Este representa o ideal, porém, por ser uma instância do ego com a função de exercer uma censura dentro da mente de Mário, acaba por provocar-lhe verdadeiro temor. As réplicas do duplo representam o fracasso do sujeito, o que se percebe na metáfora dos “cegos falando da luz”, ou ainda no seguinte verso do poema “Quase”: “Falhei em mim”.

Além da projeção do eu no outro, encontramos o efeito espelho como figuração do duplo, principalmente quando a peça começa a atingir o seu *clímax*: "O OUTRO: Mas o teu; o teu anjo. O espelho em que vês a minha perfeição e a tua disformidade. Compreendes que não posso ser um espelho risonho." (RÉGIO, 1980, p.141). Nesse fragmento, o outro demonstra ser perfeito como um anjo e sabe que funciona como um espelho onde Mário vê a disformidade e o desejo de perfeição.

De acordo com Clément Rosset, “a busca do eu, especialmente nas perturbações de desdobramento, está sempre ligada a uma espécie de retorno obstinado ao espelho e a tudo o que pode apresentar uma analogia com o espelho” (1998, p. 80). Encontramos em “Mário ou Eu próprio-o Outro” esse retorno obstinado ao espelho, atingindo o seu *clímax* após a declamação de duas estrofes do poema “Fim”: “MÁRIO: Que dizes? gostaste? que dizes aos últimos desejos do Esfinge Gorda?/ O OUTRO: Nascem de te veres no meu espelho. Mas mal expressos” (RÉGIO, 1980, p.144-5).

Enquanto o *Dicionário de símbolos* entende o espelho como “verdade, o conteúdo do coração e da consciência” (2005, p. 393), Clément Rosset, seguindo uma abordagem filosófica próxima de Nietzsche - de que o homem é um caso único e a realidade em que vive é única, não havendo, pois, transcendência - , afirma que o sujeito não poderá nunca se ver nem mesmo em um espelho, pois “o espelho é enganador e constitui uma ‘falsa evidência’, quer dizer, a ilusão de uma visão: ele me mostra não eu, mas um inverso, um outro; não meu corpo, mas uma superfície, um reflexo” (1998, p.79). Dessa forma, a personagem Mário não consegue atingir a perfeição, pois esta emana do outro. O conto “Eu-próprio o Outro”, a partir da presença do duplo na vida do narrador-protagonista, faz com que ele perceba suas imperfeições, fazendo com que duvide de sua obra e considere vulgares suas ideias, dando preferência à imagem, como aparece no conto-diário, em 25 de julho:

Não posso admitir as minhas ideias.

Elas parecem-me vulgares.

Não creio na minha obra.

Duvido se serei artista.

O *outro* é que tem razão.

O poema “Fim” seria, na interpretação da personagem O outro, resultado da contemplação do sujeito no espelho que mostraria, como afirma Rosset, um inverso desse eu, um outro, um reflexo que na peça seria o desejo incontrolado da perfeição tanto da matéria física como da matéria poética. A consciência da perfeição do duplo fica evidente no conto de Sá-Carneiro, no fragmento de 2 de agosto:

Hoje escrevi algumas páginas.

Nestas, acredito.

São verdadeiras obras de arte.

Leio-as em voz alta num orgulho de auréola...

.....

Mas depressa me enraiveço.

E rasgo-as também.

Não são minhas.

Se o não tivesse conhecido, nunca as escrevia...

As oposições “não creio”, “vulgares” *versus* “acredito”, “verdadeiras obras de arte” são, respectivamente, caracterizadoras do sujeito e do outro. Encontramos outras oposições na peça de José Régio, com outras figurações para os termos “perfeição” e “imperfeição”, lidos, respectivamente, por meio do discurso cristão que impregna a obra do autor presencista, como “alto” e “baixo”, posição sustentada por Isabelle Amorin, quando afirma que “o suicídio de Mário ganha um vigor religioso”, o que não ocorre na obra do poeta de *Orpheu*, mas é evidente na produção de José Régio (2006, p.115). Sobre as oposições de “perfeição” e “imperfeição”, que assumem na obra de Régio um sentido mais religioso, Isabelle Amorin assim se posiciona: “O Outro pertence ao primeiro plano, que é superior, e somente ele é capaz de descer até o grau de Mário e trazer o belo para o espaço terreno, que é defeituoso” (AMORIN, 2006, p. 61).

Sobre o suicídio, Paula Morão comenta que em “Eu-próprio o Outro”, ocorre “a aparição de o 'outro' como um duplo que se não pode absorver e por isso é preciso matar-sabendo que desse modo se põe fim à vida de que a sombra dimana” (2010, p.757). No conto de Sá-Carneiro, o final permanece em suspenso por meio do futuro do presente “matá-lo-ei” e da oração subordinada temporal “quando Ele dormir”:

Enfim - o triunfo!

Decidi-me!

Matá-lo-ei esta noite...quando Ele dormir... (1995, p.164).

O momento de triunfo fica em suspenso no dia 13 de janeiro. O conto não termina: fica uma linha inteira de pontos suspensivos e uma marcação que destoa do resto da espacialização da narrativa, ora ambientada em Paris ora em Lisboa. Aqui, aparece São Petersburgo, talvez referência à nacionalidade que duplo atribui a si no começo da narrativa: “Disse-me que era russo. Mas eu não acredito”. Diferente da peça de Régio, em que há a interação dialógica das personagens, no conto de Sá-Carneiro o discurso do duplo é citado em estilo indireto.

Ainda sobre o suicídio, no conto, há a possibilidade de concretização, mas o agente é o narrador. Já na peça, a tentativa de suicídio por meio de um tiro de pistola falha. O eu falho precisa reconhecer, como em um ritual de autoconhecimento, o confronto com o duplo como algo necessário à sua configuração identitária. Ambos, já fundidos no conto de Sá-Carneiro, fundem-se no suicídio, em que o duplo oferece uma bebida colorida que, ao ser tomada por Mário, provoca o desaparecimento do Outro nas sombras enunciadas pela última didascália: “O Outro foi recuando, apagando-se na penumbra, até desaparecer de todo” (RÉGIO, 1980, p.154).

Dessa forma, o conto “Eu próprio o Outro”, de Mário de Sá-Carneiro, e a peça “Mário ou Eu próprio-o Outro”, de José Régio, podem ser lidos, nas particularidades dos projetos estéticos de seus autores, como dois momentos do mesmo drama da existência problemática do sujeito: no primeiro texto, ocorre o encontro com o duplo, e a narrativa termina em suspenso com o desejo de aniquilamento desse estranho/familiar; já no segundo, há o embate dialógico entre o indivíduo e seu duplo, terminando por inverter a estrutura do conto, pois na peça é o duplo a instância que prepara o suicídio poético do indivíduo em um ritual próximo de uma conversão religiosa, muito recorrente na obra de Régio, mas ausente na de Sá-Carneiro.

## **Referências Bibliográficas**

- AMORIN, Isabelle Regina de. **Uma poética da dualidade: identidade e intertextualidade no teatro de José Régio**. (Dissertação de Mestrado). Araraquara: UNESP, 2006.
- BARROS, Tania Sturzbecher. **O duplo em Céu em fogo, de Mário de Sá-Carneiro**. (Dissertação de Mestrado). Londrina: UEL, 2003.
- BERARDINELLI, Cleonice. **Mário de Sá-Carneiro: poesia**. Antologia, com introdução e notas. Rio de Janeiro: Agir, 1958. (Coleção Nossos Clássicos).
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 19.ed. (Coord. Carlos Sussekind). Trad. Vera da Costa e Silva et alli. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- FREUD, Sigmund. O estranho. In: \_\_\_\_\_. **História de uma neurose infantil**. Rio de Janeiro: Imago, 1989. p. 233-270. (Edição standard brasileira das obras psicológicas



completas de Sigmund Freud, 17). p.237-69.

MARTINS, Fernando Cabral. **O modernismo em Mário de Sá-Carneiro**. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

MELLO, Ana Maria Lisboa. As faces do duplo na Literatura. In: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo. **Discurso, memória, identidade**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

MORÃO, Paula. SÁ-CARNEIRO, Mário de- Obra. In: MARTINS, Fernando Cabral. **Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo português** (coord.). São Paulo: Leya, 2010. p.752- 757.

NUNES, Maria Teresa Arsénio. **A poesia da Presença**. Lisboa: Seara Nova, 1982.

RANK, Otto. **O duplo**. Trad. Mary B. Lee. 2. ed. Rio de Janeiro: Alba, 1939.

RÉGIO, José. Mário ou Eu próprio-o Outro. In:\_\_\_\_\_. **Três peças em um acto**. 3ª Ed. Lisboa: Brasília,1980. p.121-55.

ROSSET, Clément. **O real e seu duplo**: ensaio sobre a ilusão. Apres. e Trad. José Thomaz Brum. Porto Alegre: L&PM, 1998.

SÁ-CARNEIRO, Mário de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Trad. Maria Ondina Braga. Lisboa: Moraes editores, 1977. (Coleção Temas e Problemas).

---

i **Autor**

**Fernando de Moraes GEBRA, Prof. Dr.**

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

E-mail: [fernando.gebra@unila.edu.br](mailto:fernando.gebra@unila.edu.br)